

**ANAIS DO
IIIº Colóquio Periódicos & Literatura:
o estado da arte e uma projeção para o próximo biênio**



**LITERATURA E JORNAL:
QUEM QUER INTEGRAR ESTE CASO?**

Maria Cristina Cardoso Ribas
UERJ-Faperj

A articulação da arte contemporânea cada vez mais como reflexão sobre seu próprio problema (poesia do fazer poesia, arte sobre a arte, obra de arte como poética de si mesma) obriga a perceber que, em muitos dos produtos artísticos hodiernos, o projeto operativo que eles exprimem, a ideia de um modo de formar que realizam concretamente torna-se cada vez mais importante em relação ao objeto formado[...]hoje vemos que muitas operações críticas (...) tomam a obra formada como instrumento acessório. (ECO, 2013, p.124-5)

Introdução:

De acordo com Umberto Eco, sempre que pretendemos trazer à cena da discussão a situação e o destino – o estado - em que se encontra o fazer artístico na contemporaneidade, sobretudo a questão pontuada na epígrafe, coloca-se a urgência de uma pergunta. Vamos a ela.

A prática pontuada por Eco, ou seja, o procedimento em que a crítica faz da obra um instrumento acessório deve-se a uma escolha metodológica daquele que reflete sobre a arte hoje ou depende de características supostamente presentes nas obras examinadas? No contexto dos acervos da Biblioteca Nacional, a indagação faz parte da errância da pesquisa e nos ajuda a repensar o estado da arte literária no contexto artístico dos periódicos, desenhando uma poética em que crítica e obra criticada não predominam uma sobre a outra, não silenciam sua potência significativa, mas, via de mão dupla, iluminam-se mutuamente. Conforme entendemos, portanto, a questão não é vislumbrar características imanentes ao texto em exame, mas sim problematizar o substrato teórico-metodológico do pesquisador ao discutir o fundamento da crítica como escolha de base subjetiva ou como construção conceitual. Assim temos desenvolvido nosso projeto, no profícuo amálgama periódicos & literatura, com o foco na relevância do acervo bibliográfico para o Ensino de Literatura, sobretudo até o ano de 2016.

Ao fazermos, aqui, uma breve descrição do nosso projeto e estudos derivados, assumimos a importância de observar, ainda que minimamente, o nosso *modus operandi* como pesquisadores e

como críticos. A maneira com que nos relacionamos com o objeto de estudo – no caso, acervos e coleções do Setor de Periódicos – traduz as nossas escolhas e esclarece o foco com que operacionalizamos o olhar e a prática. A discussão é ampla, mas está presente nessa introdução, basicamente para desenhar a conexão no nosso trabalho com o título do Colóquio em tela. Reencaminhamos, pois, o sentido da “arte” para a pesquisa que vimos desenvolvendo junto ao grupo até o ano de 2016, cujos desdobramentos são, a seguir, resumidamente apresentados. Eis, então, um breve histórico da pesquisa.

Trata-se de um Projeto de *Iniciação à docência* da Uerj, com início em 2006; a partir de 2011, foi filiado à Fundação Biblioteca Nacional no grupo Literatura e Periódicos, ganhando forte impulso pela riqueza dos materiais disponíveis à pesquisa e que resultou em capítulo de livro publicado em novembro 2014, com subsídios da Faperj, e um segundo livro do grupo já aprovado pela mesma fundação de apoio à pesquisa. Desde então, o projeto insere-se no grupo de pesquisa **Periódicos & Literatura: publicações efêmeras, memória permanente**, coordenado por Irineu Correa, e volta-se para beneficiar diretamente a coleção de periódicos catalogados na Fundação Biblioteca Nacional, tanto os exemplares disponíveis na hemeroteca digital, quanto aqueles que constituem o acervo material em suas primeiras edições – fontes primárias -. Considerada a complexidade das relações dos periódicos com a literatura, o projeto vem mobilizando tripla vertente: de um lado, traz à cena discussões de ordem teórica em torno do discurso cronístico que dizem respeito à sua constituição entre o jornalístico e o literário; de outro, relê a produção cronística do século XIX, com ênfase nas crônicas brasileiras que desenham a mentalidade carioca do oitocentos, fazendo a projeção destes olhares e vozes na construção dos pontos de vista que circunscrevem o Rio de Janeiro contemporâneo; e, em sua fase mais recente, a pesquisa voltou-se para o tecido cronístico de determinadas narrativas fílmicas que se ancoram em narrativas literárias, rasurando os mitos de seus constituintes e configurando um compósito discursivo com novas demandas de leitura. As referências bibliográficas e digitais enumeradas ao final deste trabalho estão disponíveis nos acervos da FBN. Quanto ao projeto original e respectivos subprojetos serão resumidamente descritos a seguir.

2006 – Literatura e jornal: quem quer integrar este caso?

Nascido da minha dupla inserção nas áreas de Letras (UERJ) e Comunicação Social (PUC-Rio) vinha sendo desenvolvido desde 2005, na Faculdade de Formação de Professores da UERJ, alimentado por outras parcerias: um trabalho de leitura nas escolas com a Infoglobo, e com o Departamento de Educação da mesma Faculdade, voltado às escolas da Rede Pública do Município de São Gonçalo - inicialmente com o Fundamental e posteriormente com o Ensino Médio -. Com esta orientação, o Projeto foi se desenvolvido de maneira a criar novas alternativas para as aulas de Literatura, sempre buscando um olhar também de duplo alcance para os nossos alunos na GRA,

professores em formação, e para os alunos a quem muitos deles (já) ensina(va)m nos vestibulares comunitários e cursos afins.

O desdobramento deste projeto original em subprojetos ocorreu, portanto, em função: (1) da crescente demanda da comunidade durante a docência nos estágios supervisionados, constatadas nas entrevistas e análise dos primeiros resultados; (2) no estudo da recepção às propostas encaminhadas nas escolas, tanto do ponto de vista do docente, quanto do discente; (3) da urgência de aquecer as metodologias para o ensino de leitura e de literatura; (4) das contribuições da teoria da literatura para a consistência das reflexões em sala de aula acerca do objeto literário; e (5) a opção por trabalhar com o gênero textual crônica, *lato sensu*, o discurso cronístico. Vale ressaltar, ainda, que a filiação deste projeto ao Setor de *Periódicos & Literatura* da Biblioteca Nacional imprimiu maior consistência à pesquisa e alavancou o seu desenvolvimento graças à riqueza do acervo e condições de acessibilidade da Hemeroteca digital. A seguir, o desenvolvimento do referido estudo em subprojetos, com os respectivos anos de sua criação:

2008 - Machado de Assis e João: do Ri(s) o à Ironia – A crônica submersa em sala de aula.

Esta etapa do projeto correspondeu a um desdobramento do anterior, na chave do ensino de literatura; e, ao reforçar o diálogo pretendido entre os gêneros textuais literário e jornalístico (convergência que originou o projeto), levou-nos ao estudo da produção literária brasileira em seu suporte midiático - o folhetim -, com os efeitos da então incipiente cultura de massa sobre o texto literário. Aqui, o interesse foi revisitar a formação da cultura literária brasileira em seu vínculo com o jornal, ao mesmo tempo tornando a leitura de literatura mais acessível para o aluno de hoje, dentro de um contexto social específico, sempre de maneira a estimular o trabalho com literatura no Ensino Médio da Rede Pública por uma vertente interdisciplinar (literatura, história, comunicação). Focalizamos inicialmente algumas crônicas de Machado de Assis e João do Rio, trazendo em cena visões do Rio de Janeiro do séc. XIX e trabalhando o texto de forma a reverter positivamente para a criticidade do aluno. Vale lembrar que a prática em sala de aula durante os estágios nas escolas confirmou para as bolsistas a dificuldade de o texto literário interessar ao aluno adolescente pouco afeito à leitura e à reflexão; porém, (1) levantar o diálogo da literatura com o jornal, (2) trazer o teor tido como híbrido do gênero crônica, (3) tematizar o folhetim que reconfigurou inúmeras obras literárias - contos e romances -, (4) levantar singularidades da cena carioca dos oitocentos são alguns dos procedimentos que têm trazido um diferencial em sala de aula. Os alunos percebem uma aliança entre a mídia impressa e os textos clássicos, entre literatura e história, jornal e arte, homem e sociedade, chegando até a discutir a validação do texto literário pela crítica, inclusive quando esta menospreza o folhetim identificado à chamada cultura de massa. Assim os alunos começam a

perceber que o texto literário é um documento vivo e não tão distante deles como em princípio supõem, a partir do momento em que dramatiza questões histórico-sociais, tópicos de expressão oral e escrita, modalidades de pensamento, personalidades emblemáticas e/ou marginais da nossa formação discursiva. O trabalho assim desenvolvido tem como um forte efeito atualizar a produção cronística dos periódicos para as demandas contemporâneas. Nosso projeto, portanto, voltado à prática docente, tem dupla abrangência: preparar o professor em formação o qual, por sua vez, estará lidando com alunos do Ensino Médio. Tais efeitos em cadeia são reforçados pela nossa proposta de que a Teoria Literária vem suprir a carência conceitual do professor da área, evita a repetição automática de conteúdos e enquadres da disciplina em questão, propiciando a formulação de diferentes alternativas para o ensino de Literatura. Temos, ainda, o ganho precípuo de exercitar a lida com a produção lítero-cultural do século XIX e primeiro quartel do século XX, além de compartilhar o passeio na hemeroteca digital, prática ainda pouquíssimo difundida entre os estudantes.

Palavras-chave: Crônica. Leitura crítica. Discursos literário e jornalístico. Machado de Assis. João do Rio.

2010 – João do Rio (de Janeiro) – a alma encantadora da cidade. Estudo sobre crônicas cariocas como estímulo à leitura.

Neste biênio, firmamos a parceria da UERJ com a Cátedra de Leitura UNESCO, na PUC-Rio, mediante Tratado de Cooperação Mútua formalizado no Departamento de Convênio – DCONV - da UERJ. Tendo assumido a orientação pelo gênero crônica, a pesquisa voltou-se para as visões (constitutivas) dos cronistas sobre o Rio de Janeiro.

Pelos estudos trilhados até esta fase, considera-se a crônica um gênero que transita em pelo menos duas áreas com facilidade: Literatura e Jornalismo. Portanto, ao multiplicar o olhar daquele que a lê, convocando este leitor a uma parceria, a um bate papo informal, reflexão compartilhada, a perspectiva favorece o trabalho de leitura e análise textual do professor em sala de aula. A partir da constatação, feita nos estágios, da dificuldade que os alunos têm de ler o texto literário, veio a consolidação do trabalho com crônicas, justamente pelo seu preconizado caráter de informalidade, leveza, e pelo fator de circulação e proximidade com o público leitor. Entende-se ensino da leitura como algo amplo que representa, num microcosmo, a formação do leitor, até compor com a formação cultural brasileira. Como desdobramento do subprojeto anterior, foi escolhido, junto aos bolsistas, o jornalista e escritor Paulo Barreto, um precursor do jornalismo *in loco*, que adota, como pseudônimo, o nome de sua cidade. *João do Rio*, com sua paixão pelas ruas, habilidade jornalística e poética para desenhar sem preconceitos imagens da cidade na abertura do século xx Sob uma ótica crítica, literária, com propostas futuristas (Gomes, 2010), o conto-crônica “A Alma encantadora das ruas” traz múltiplos aspectos do gênero, importantes para o nosso aluno-cidadão e contempla: a união entre história,

literatura, jornal, linguagem popular e erudita, ironia e humor; ao mesmo tempo disponibilizam um apanhado social e político da formação cultural do Rio de Janeiro, das nossas letras, ampliando o horizonte do aluno para, criticamente, olhar a si e aos encantos da cidade em que vive hoje.

Palavras-chave: João do Rio. Crônicas. Ensino da leitura. Circulação. Proximidade.

2012 - O Homem do Povo, jornal de Oswald de Andrade e Pagu: impressões da vida cotidiana

A etapa atual do projeto (versando sobre as crônicas em o jornal ‘O Homem do Povo’, 1931, de Oswald de Andrade e Pagu) corresponde a um desenvolvimento dos trabalhos anteriores, em termos de discussão teórica e atividade experiencial em sala de aula nos Estágios. O diálogo dos gêneros textuais literário e jornalístico levou-nos ao estudo da produção literária brasileira em seu suporte midiático - o folhetim – e, à medida que caminhávamos nos estudos, mais pensávamos em nos deter na ‘crônica’. Já tínhamos transitado por algumas crônicas de Machado de Assis e João do Rio, trazendo em cena visões do Rio de Janeiro do séc. XIX. Encaminhamo-nos para um período também cultural e politicamente rico na história de São Paulo e do Rio de Janeiro, na década de 20 e nos anos subsequentes. Em sua feição revolucionária, Oswald e Pagu muito contribuíram para a arte e cultura brasileiras. Entre o comunismo e a anarquia, tiveram forte representação social, política e literária no Brasil. Destacamos, no projeto, o modo de operar: sempre trabalhamos a leitura dos textos de forma a reverter positivamente para o desenvolvimento da criticidade, sob o crivo da leitura sob suspeição. Nesta fase, aproveitando as comemorações do modernismo brasileiro, nosso olhar voltou-se para as crônicas produzidas pelos poetas Oswald de Andrade e Pagu, em 1931, no jornal *O Homem do Povo*.
Palavras-chave: Jornal. Oswald de Andrade. Pagu. Crônicas. São Paulo. Rio de Janeiro.

2012 – Por uma revisão conceitual da crônica - A gilete e o pincel oswaldianos

No segundo semestre de 2013, os estudos até então desenvolvidos clamaram por uma imersão na reflexão teórica em trono do gênero. Partimos para a revisão conceitual do gênero crônica e o decorrente exame acurado do discurso cronístico (MARIANI, 1998; MEDEIROS, 2004), tendo em vista o impasse em operacionalizar a citada revisão no espaço da sala de aula pela constatação da manutenção dos valores pautados na crítica tradicional de cunho romântico, presente nos manuais didáticos, na prática docente e no senso comum. Vale ressaltar que o trabalho de revisão conceitual operou transformações no nosso próprio *modus operandi*. No esforço de trazer crônicas que aliassem palavra e ação e demonstrassem entusiasmo, conhecimento e possibilidade de transformação do próprio contexto por parte dos cronistas, escolhemos crônica inédita de um dos autores estudados, Oswald de Andrade, e já disponibilizada na web, o que também facilitou o acesso por parte dos alunos. Referimo-nos à crônica "A gilete e o pincel" (*Diário de São Paulo*, coluna Feira das Sextas, 16-06-1944), a qual nos favoreceu com um estudo interdisciplinar da História recente do Brasil.

Palavras-chave: Revisão conceitual. Crônica. Oswald de Andrade. Interdisciplinaridade. Ensino da Leitura.

2014-2015 A crônica “16 de outubro de 1892”, de Machado de Assis: o passado no presente.

Em 2014, o projeto retoma a revisão teórico-metodológica da crônica, vital ao trabalho com o gênero em foco e desdobramentos relativos a práticas de leitura na escola não somente pautadas na proposta da crítica tradicional (CÂNDIDO, 1992; COUTINHO, 2003; MOISES, 1967), mas sob o crivo de novos olhares. Mesmo considerando a relevância desta crítica para a historiografia literária brasileira, afirmamos a urgência de construir, com os bolsistas (professores em formação) e alunos das escolas em que atuamos nos estágios, outras alternativas para o ensino da leitura - através de um outro modo de falar de, tratar e ler a crônica, que não os clichês de definição: leveza, coloquialidade, hibridismo, gênero ‘menor’. Voltando ao século XIX, ideal para compreender a formação do leitor e a formação cultural brasileira, traremos à cena da discussão a crônica machadiana dos Bonds e burros, no ano de 1892, quando os bondes dispensaram a tração animal. Na atual fase do projeto, voltamo-nos, portanto, à análise da crônica “16 de outubro de 1892”, de Machado de Assis. A crônica escolhida tem como cenário os bonds do Rio de Janeiro, numa hilária (e derradeira) conversa entre o burro da esquerda e o burro da direita, estupefatos porque o cocheiro entende a sua língua. Dentre múltiplos enfoques, é possível trazer ao debate a questão dos transportes públicos, da sociedade carioca dos oitocentos em comparação com a de hoje, dos olhares e interesses em jogo, da ironia machadiana, da cena caricatural com que Machado emoldura as formas de conduzir e escravizar, às vezes invertendo as funções do animal e do homem. Apostamos no humor e ironia desta crônica, em seu caráter dialógico e polifônico, na sua constituição intertextual como rico material para um trabalho interdisciplinar com leitura.

Palavras-chave: Crônica. Revisão teórico-metodológica. Machado de Assis. Rio de Janeiro. Historiografia Literária brasileira.

2016 – Ah! Sim...Crônicas: re-visões da sociedade carioca entre os séculos XIX e XXI

Acionada pelo projeto Prociência (Uerj/FAPERJ), intitulado “Discussões e releituras de literatura na contemporaneidade”, a pesquisa, nesta etapa, voltou-se para o tecido cronístico de determinada narrativa fílmica, que se ancora em narrativa literária, rasurando os mitos de seus discursos constituintes. Escolhemos o filme de Sergio Bianchi, “Quanto vale ou é por quilo?” (2005), que incorpora o conto de Machado de Assis “Pai contra mãe” (1906), numa tessitura assincrônica que justapõe tempos, lugares, sistemas políticos, contextos, sujeitos e padrões sociais. Ao mesmo tempo, desconstrói as marcas de documentário, quebrando as expectativas de um determinado padrão de relato imparcial e seu estigma de fidelidade a um fato cronologicamente datado. As expensas de

documentário, e dialogando com a irônica narração científicista do conto machadiano, o início do filme de Bianchi traz à tona surpreendente descrição da escravidão no Brasil, constante no Arquivo Nacional, feita pelo historiador Nereu Ramos. A ironia do relato e a quebra de verossimilhança destas cenas que ‘reproduzem’ as do Arquivo, seguidas por outras em que escravos torturados são vistos como peças de Museu, dizem respeito à nossa hipótese de trabalho: desapegar o discurso cronístico, seja de sua informatividade factual, seja de sua subjetividade polissêmica, é uma leitura que vai possibilitar, ao pesquisador, repensar o (próprio) perfil e a demanda do leitor, suas expectativas, formas de expressão e atuação e, ainda, refletir sobre a noção de valor forjada no ideário social.

Obviamente o procedimento metodológico da abordagem descrita permite a valorização do acervo do Setor de Periódicos, ao mesmo tempo em que demanda estudo de forte dimensão teórico-conceitual. O duplo movimento é suplementar e não parte do princípio de que um ou outro se reduz a mero acessório ou instrumento de trabalho. Inclusive a teoria é desentranhada do texto cronístico em exame, de maneira a não “utilizá-lo” para comprovar teses apriorísticas.

Nos vários braços da abordagem apresentada, portanto, todo o conjunto configura a abrangência e o aprofundamento da pesquisa, sempre aberta a novos encaminhamentos em função das demandas de leitura. Esperamos, a partir de 2016, trazer, à cena da discussão, a condição intermediática do discurso cronístico, em suas múltiplas e fascinantes articulações.

Referências

- ANDRADE, Oswald de; GALVÃO, Patrícia. *O homem do povo*. Coleção completa e inédita do jornal (1931). Imprensa oficial do Estado S.A. IMESP/ Divisão do arquivo de Estado de São Paulo.
- _____. “A gilete e o pincel”. *Diário de S. Paulo*, coluna *Feira das Sextas*, 16 de junho de 1944.
- ASSIS, Machado de. “16 de outubro de 1892”, crônica de Machado de Assis. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1957. Da série “A semana” (1892-1894), *Gazeta de Notícias*.
- AZEREDO, José Carlos de. *Letras & Comunicação: uma parceria no ensino de Língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BARTHES, ROLAND. *O Prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BRAYNER, Sonia. “Machado de Assis: um cronista de quatro décadas”. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: FRCB, 1992. p. 407-417.
- COUTINHO, Afrânio (Org.) *Machado de Assis*. Obra Completa. Vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.

- CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: — [et alii]. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CANCLINI, Nestor G. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- DINIZ, FARIA, LIMA & MOTHÉ. *A Evolução dos Folhetins em Jornais Brasileiros do Século XIX*. Jornada de Iniciação Científica da UFRJ. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004.
- ECO, Umberto. *A definição da Arte*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Autores Associados, 1982.
- GRANJA, Lucia. *A crônica de Machado de Assis: leituras necessárias para uma leitura possível*. Disponível em: alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais14/.../H066.doc
- GENS, Armando F. “O ensino de Literatura Brasileira nas faculdades de Formação de professores: propostas metodológicas.” *Anais do 13º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas: Associação de Leitura do Brasil, 2002. CD-ROM.
- GINSBURG, Jaime. “As mudanças na historiografia literária e a formação de professores de literatura brasileira.” *Expressão*, UFSM, v. 2, n. 2, 79-82, 1998.
- LEAHY-DIOS, Cyana. Revendo os limites e possibilidades do modelo brasileiro de educação literária. *Revista Literatura e cultura*, v.1, n.1, 2001.
- LIMA, Mariana da Silva. “Machado de Assis cronista”. *XII Congresso Internacional da ABRALIC*. Curitiba: UFPR, 2011.
- MEDEIROS, Vanise G. de. Discurso cronístico: uma ‘falha no ritual’ jornalístico. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, v.5, n.1. p.93-118. jul/dez2004.
- MEDEL, Manuel Angel Vázquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. 2. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. Prosa. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- ORLANDI, Eni. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2001.
- POSSENTI, S. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.
- QUEIRÓS, Rachel. Texto extraído do livro *O Melhor da Crônica Brasileira – 1*, José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1997, p. 53.
- RIBAS, Maria Cristina C. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio e Sette Letras, 2008.

_____. Literatura e jornal: quem quer integrar este caso? *Graphos: Revista da pós-graduação em Letras* – UFPB. Vol. 6– Nº 2/1, jul.-dez. 2004.

RIBAS, M.C.C. “A crônica em suas efemeridades: entre a montanha e o rés do chão”. In: QUELHAS, I.; CORREA., I. *Papeis efêmeros, explorações permanentes*. São Paulo Rio de Janeiro: Livre Expressão/Faperj, 2014.

RIO, João do. Rio de Janeiro: *Gazeta de Notícias*, 23/9/1903.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6aed. São Paulo: Ática, 2002.

SOARES, Marcus V. Soares. *A crônica brasileira do século XIX*. Uma breve história. São Paulo: É realizações, 2014.